

**Caraterização da ação tática no futsal e seus
contextos
Implicações para o processo de aprendizagem**

Versão final pós-defesa

Afonso Gomes Canavilhas

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências do Desporto – Treino Desportivo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Bruno Filipe Rama Travassos

setembro de 2020

Dedicatória

Aos meus pais e ao meu orientador.

Agradecimentos

Um primeiro agradecimento aos meus pais pelas palavras de incentivo. Um segundo (e tão ou mais importante) ao meu orientador, inexcedível no acompanhamento prestado ao longo de todo o processo, sempre metuculoso no apoio dado em todos os momentos. Considero a redação desta dissertação como um dos momentos mais enriquecedores da minha formação pela oportunidade de aprender com alguém que é uma das maiores referências na transmissão de conhecimento relacionado com o jogo de futsal.

Resumo

Esta dissertação teve como objetivo, num primeiro momento, caracterizar as exigências do jogo de futsal sobretudo em termos de ação tática individual por forma a perceber quais as solicitações às quais os praticantes estão sujeitos em contexto de jogo, aferindo posteriormente a importância dos fundamentos de jogo e de fatores relacionados com a afinação e calibração do jogador de futsal para o desenvolvimento da ação tática.

Tendo por base estes pressupostos, foram observados e avaliados, através de uma grelha de análise notacional, dois jogos entre as seleções AA de Portugal e Espanha de modo a avaliar a concretização da ação tática do passe e quais as características dos contextos em que tendem a ocorrer. Para tal foram observadas as jogadas de ataque (organização ofensiva) iniciadas nos guarda-redes ou na sequência de PLL (pontapés de linha lateral) e avaliadas as ações individuais: 1) Recepção; 2) Número de Toques na bola após a recepção; e os contextos de jogo: 3) zona do campo; 4) Relação Numérica.

Os resultados revelaram ao nível das ações individuais predominância de receções orientadas (67.1%), da utilização de 2 toques (73.3%). Ao nível das ações coletivas verificou-se que grande parte das ações ocorreram na linha 1 (52.8%) e em igualdade numérica - 2x2 (37.3%) ou 3x3 (32.3%). Uma vez apuradas e interpretadas as exigências associadas ao jogo de futsal e reconhecida a importância dos fundamentos como fator potenciador das possibilidades de ação de jogadores de elite, importa perceber que prioridades devemos adotar no ensino do jogo de futsal, de que forma podemos potenciar e fomentar determinados comportamentos em contexto de treino e aferir se as mesmas são representativas para efeitos de aprendizagem e se permitem dar uma resposta capaz às solicitações do jogo. A este propósito, a parte final do trabalho englobará algumas sugestões para manipulações a nível dos exercícios de treino em cada um dos níveis de desempenho considerados.

Palavras-chave

Futsal; Caracterização jogo; Ensino e aprendizagem do jogo; Fundamentos do jogo; Representatividade

Abstract

The aim of this essay was, at first, to characterize the futsal game, mainly in terms of individual tactical action, in order to understand the requests and challenges related to the context of the game. After that, we identified the importance of the fundamentals associated to tactical action.

Two games between the national teams (AA) of Portugal and Spain were observed in order to evaluate the pass (tactical action), his characteristics and the contexts where they tend to occur. For this purpose, were observed as attack actions (offensive organization) and evaluated as individual actions: 1) Reception; 2) Number of hits after reception; as well as the game contexts: 3) field zone; 4) Numerical Relationship.

The results showed the predominance in terms of individual actions of dynamic reception (67.1%), as well as the use of 2 touches (73.3%). In terms of collective actions, it was understood that most of the actions occurred in line 1 (52.8%) and the predominance of 2x2 (37.3%) or 3x3 (32.3%) situations in terms of numerical relations.

Considering the importance of the fundamentals as a potential factor for the actions of elite players, it is important to understand what is necessary to teach in youth levels: how it is possible to promote and manipulate training context to make it representative enough. The final part of the essay includes some suggestions to manipulate training exercises considering different learning stages.

Keywords

Futsal; Tactical; Action; Fundamentals; Levels; Stages; Development; Game; Training; Principles; Offensive; Defensive

Índice

Dedicatória	iii
Agradecimentos	v
Resumo	viii
Abstract	x
1. Introdução	1
1.1. Caracterização das exigências do jogo de futsal	1
1.2. Afição e calibração como fatores fundamentais para desenvolver a ação tática para o jogo	3
1.3. Identificação dos fundamentos como capacidades coordenativas específicas do jogo de futsal que potenciam a ação tática	5
1.3.1. Fundamentos Táticos Ofensivos	5
1.3.2. Fundamentos Táticos Defensivos	8
1.4. Ensino do Jogo de Futsal	15
2. Metodologia	19
3. Resultados	21
4. Discussão	23
5. Conclusões	35
6. Bibliografia	37

Lista de Figuras

Figura 1 - Campograma com definição das linhas defensivas para registo do local do campo das ações analisadas	20
Figura 2 - Exercício Nível Básico	30
Figura 3 - Exercício Nível Elementar	31
Figura 4 - Exercício Nível Intermédio.....	32
Figura 5 - Exercício Nível Especialização.....	33

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Articulação de conteúdos entre níveis de desempenho no futsal (Guilherme & Braz, 2013)	16
Tabela 2 - Frequência e percentagem de ações individuais e coletivas	21

Lista de Acrónimos

PLL	Pontapé de Linha Lateral
GR	Guarda-Redes

1. Introdução

1.1. Caracterização das exigências do jogo de futsal

O futsal é um desporto coletivo de alta intensidade com implicações anaeróbias e aeróbias e capacidades físicas como força, agilidade e velocidade. À componente física são associadas as habilidades do jogador a nível motor, a componente técnica e, no domínio cognitivo, a componente tática (Santos e Ré, 2014).

No futsal como noutros JDC (Jogos Desportivos Coletivos), as exigências em termos coletivos estão orientadas para a necessidade de coordenação por forma a otimizar as inter-relações entre jogadores de uma mesma equipa, tendo também em consideração a reação aos desafios propostos pelo jogo. Face à constante competição e cooperação entre praticantes, materializadas na variabilidade de relações entre jogadores, entre equipas, entre jogadores-bola e equipas-bola, são geradas um conjunto de interações espaço-temporais onde os fatores decisoriais, táticos e estratégicos se apresentam como fundamentais para o desenvolvimento das ações de jogo (Travassos, Araújo, Davids, Esteves & Fernandes, 2012).

O jogo é, assim, caracterizado por constantes interações de cooperação/confronto entre os agentes envolvidos no jogo, suscitando situações de complexidade que, para que sejam resolvidas, despoletam exigências em termos individuais que nos remetem para fatores associados à componente da tática individual suportada pelas capacidades técnicas e coordenativas dos jogadores. Podemos então afirmar que o futsal é um jogo de atividade complexa e dinâmica, com enfoque tático, devido à multiplicidade de fatores que incidem diretamente no comportamento dos jogadores e equipas e aos ajustes que estes têm que realizar constantemente face à incerteza no contexto de jogo (Travassos, Araújo, Duarte e McGarry, 2012).

Garganta (1997) considera dois pontos fundamentais associados à identidade e importância dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC):

O apelo à cooperação entre os elementos de uma mesma equipa para vencer a oposição dos elementos da equipa adversária;

O apelo á inteligência, entendida como capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar e operar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo (noção de adaptabilidade);

Face ao exposto, Garganta (1997) realça que o jogo é função das relações estabelecidas entre jogadores, realçando a cooperação e organização apresentada pela equipa adversária. Para isso, a tática individual deve ser vista ao serviço de uma ação tática coletiva como forma de potenciar a exploração de uma intenção coletiva (Travassos, 2014). De modo semelhante, no segundo ponto, é valorizada a ação tática individual como meio de exploração e criação de possibilidade de ação tendo por base as variações nos contextos de jogo, motivados pela complexidade do jogo de futsal.

Como forma de resposta e justificação dos problemas colocados nas dimensões anteriores, Garganta (1997) considera ainda três grandes planos em que coexistem diferentes exigências a nível do jogo de futsal:

Plano Espacial e Temporal

Para a resolução de problemas nos planos do ataque e defesa. No ataque, os problemas na relação e utilização da bola, tanto em termos individuais quanto coletivos, por forma a superar os adversários com padrões de comportamento distintos, não lineares. Na defesa, a capacidade de sermos o obstáculo, na tentativa de dificultar a progressão ou circulação da bola por parte do adversário por forma a ganhá-la.

Plano da Informação

Na capacidade de utilização de informação relevante em cada contexto de jogo e criação de informação que cria incerteza para o adversário, ou seja, a cada instante, um jogador deve proporcionar incerteza ao adversário mantendo o foco na informação do seu adversário direto e da sua equipa em relação à tendência de organização grupal ou coletiva da equipa adversária, sem comprometer a organização coletiva e mantê-la funcional.

Plano da organização

O comportamento de cada um dos elementos da equipa, enquanto individualidade, na resposta a uma organização estrutural e funcional estratégica consoante a interligação de vários fatores de rendimento de cada jogador, de natureza “psíquica, física, tática, técnica”...

1.2. Afinação e calibração como fatores fundamentais para desenvolver a ação tática para o jogo

No seguimento das exigências anteriormente mencionadas, cientes de que jogo não é linear e invoca diferentes respostas individuais e coletivas em cada um dos seus momentos, importa incidir na questão da adaptabilidade. De acordo com Travassos (2014), o jogo é caracterizado pela variabilidade, fruto da constante variação nos problemas do jogo e da incerteza. Os jogadores devem desenvolver a possibilidade de explorar os contextos de jogo e eles próprios decidirem e agirem de forma confortável na exploração da ação tática (possibilidades de ação). A este propósito, importa falarmos nos conceitos de “afinação” e “calibração” como fatores fundamentais para desenvolver a ação tática para o jogo, intrinsecamente ligados à questão da adaptabilidade.

Araújo (2006) define o conceito de afinação como o desenvolvimento de uma capacidade individual para perceber a informação relevante da tarefa, ao passo que o conceito de calibração nos remete para a capacidade de ajustar as ações individuais ao contexto percebido tendo por base as capacidades individuais. Ao longo do processo de formação, importa fazer com que os jogadores explorem diferentes possibilidades de ação, até porque essas possibilidades de ação variam de indivíduo para indivíduo (Assunção, 2017). A heterogeneidade no seio de uma equipa aumenta a dificuldade do treinador na hora de conceber um treino que respeite a individualidade de cada um, sem esquecer a organização coletiva e o respeito pela ideia de jogo.

Face ao exposto, assumimos a importância de atentar no desenvolvimento da afinação em contexto de treino, ou seja, de perceber a informação que o jogador percebe e usa para guiar a sua ação, em função do ambiente em que se encontra. A resposta do jogador varia nos diferentes momentos do jogo, em função dos desafios que se vê obrigado a enfrentar em cada um deles e, como tal, há que fazer esse transfer do treino para o jogo. Operacionalizar um treino que responda ao desenvolvimento da ação tática tendo por base os conceitos de afinação e calibração, e de modo a potenciar este transfer entre treino e competição, significa a criação de contextos para o desenvolvimento de uma “ação tática” contextualizada, pelos contextos de jogo, na formação, ou pelo modelo de jogo definido pela equipa (Travassos, Araújo, 2007).

No entanto, a ação tática não resulta apenas da capacidade de afinação do jogador às condições do contexto, mas também da sua capacidade para ajustar as suas ações no tempo e espaço disponíveis. Nesta perspetiva, para além da afinação, a ação tática de cada jogador será função das suas próprias capacidades coordenativas, fundamentos ou ações técnicas

(Travassos, 2014). Quanto maior for o domínio das ferramentas que o jogador dispõe, maior será a sua capacidade para explorar o contexto de jogo e encontrar novas e únicas situações que lhe permitem alcançar os seus objetivos.

1.3. Identificação dos fundamentos como capacidades coordenativas específicas do jogo de futsal que potenciam a ação tática

As exigências do jogo de futsal requerem um elevado domínio de fundamentos técnicos e táticos por forma a alcançar uma boa ação tática individual e coletiva nos momentos defensivo e ofensivo.

Tendo por base os momentos do jogo, de acordo com Hierro (2017) os fundamentos poderão ser de dois tipos:

Ofensivos

Defensivos

1.3.1. Fundamentos Táticos Ofensivos

Os conceitos básicos de ataque podem ser definidos como sendo compostos por movimentos, posicionamentos e elementos de ataque, executados individualmente ou em cooperação com os colegas de equipa, dependendo do objetivo do ataque (manter a bola, desenvolver jogo, finalizar/marcar um golo). Estes elementos permitem aos jogadores a exploração de um maior número de soluções efetivas para problemas que podem surgir durante o jogo (Hierro, 2017).

Como fundamentos ofensivos são definidos (Hierro, 2017):

1. Domínio visual da área de jogo

Espaço, tempo, colegas de equipa e adversários. Para tomar a decisão correta em determinado momento do encontro, o jogador deve ter os fatores mencionados como referências que condicionam a sua ação em determinado momento, dada a natureza dinâmica do jogo. Em suma, o que fazer e como fazer (ou resolver) em determinada altura do jogo.

2. Posição ou orientação corporal

A forma como o jogador posiciona ou orienta o seu corpo em determinado momento do jogo – com ou sem bola – afeta (positiva ou negativamente) as opções táticas das quais dispõe. Este fundamento está intimamente ligado ao anterior dada a sua natureza espaço-temporal. Por forma a adotar uma orientação corporal correta, o jogador deve dominar o contexto em que está num determinado momento, mobilizando as referências

contempladas no domínio do campo visual, sem esquecer a capacidade de percepção e a relação percepção-ação. Em função disso, o jogador posiciona-se da forma que considerar mais conveniente tendo em mente um objetivo (em momento defensivo recuperar a bola ou conduzir para remate em momento ofensivo, por exemplo).

3. Domínio da bola em relação ao opositor

Ter a capacidade de controlar o espaço, o tempo, a distância em relação ao opositor e o sentido do jogo quer em momento ofensivo (com bola) quer em momento defensivo (sem bola). Este aspeto requer uma capacidade de percepção, antecipação e adequação motora para que a ação técnica, quer no cômputo defensivo (intercepção, por exemplo), quer no cômputo ofensivo (finta), seja efetuada com sucesso.

4. Aplicar conceitos técnicos básicos

Utilização dos elementos/recursos técnicos adequados em determinada situação de jogo resultado de aquisição anterior, o que nos remete para os processos de percepção e tomada de decisão. Hierro (2017) considera que “as táticas são a causa e o efeito da aplicação de recursos técnicos”.

5. Movimentações sem bola

As movimentações sem bola ou, por outras palavras, desmarcações, correspondem ao momento em que o jogador se desloca/movimenta para fugir à marcação adversária quando a própria equipa está em posse, por forma a ser opção para dar continuidade ao jogo. As desmarcações podem servir para auxiliar o colega que está em posse (mobilidade), abrir espaço na defesa contrária ao dificultar a marcação e mexer com a organização defensiva adversária. No cômputo das desmarcações, podemos definir e identificar diferentes tipologias, nomeadamente de rutura, por forma a potenciar situações de finalização ao explorar em profundidade; de libertação, para abrir espaço posteriormente ocupado por um companheiro; de apoio, para dar continuidade ao processo ofensivo.

6. Apoio

Capacidade de dar soluções (linhas de passe) ao colega que se encontra em posse, ou seja, a capacidade de movimento por forma a garantir boas soluções para apoio para garantir que a equipa permanece em posse.

7. Finta

Conceito técnico-tático que remete para movimentação corporal com o objetivo de enganar ou confundir a oposição direta através do movimento para posteriormente executar a ação planeada.

8. Alterar o sentido do jogo

Capacidade de o jogador em posse mudar o sentido e orientação do jogo por forma a aumentar o número de opções disponíveis da equipa. Mudar o sentido do jogo implica que o jogador em posse oriente o seu corpo e faça a bola mover-se para uma determinada posição e posteriormente recorra ao passe ou à velocidade para efetuar a alteração de sentido do jogo.

9. Criação de linhas de passe

O passe é a unidade básica e chave em momento de posse ou, se quisermos, em momento ofensivo. Quanto maior número de linhas (opções) de passe existirem, mais fácil se torna o processo de tomada de decisão para o jogador que se encontra em posse. Assim, os jogadores em momento ofensivo, tanto os que estão em posse quanto os que não estão, deverão procurar constantemente ser solução.

10. Criar, ocupar e aproveitar o espaço

As situações de jogo variam de acordo com o espaço e linhas de passe que o jogador em posse tem disponíveis. Um jogador cria espaço ao mover-se no campo e sempre que se desloca, abre um espaço na área que estava anteriormente ocupada. Ao movimentar-se em função daquilo que é o movimento ofensivo da sua equipa, mexe simultaneamente com a organização defensiva do adversário que também se vê obrigado a ajustar e equilibrar o espaço em função do que se passa. O objetivo de criar e ocupar espaço é usá-lo para receber a bola e manter a posse.

11. Fixar o defensor

Quando um jogador está em posse, ou seja, em momento ofensivo, tenta ganhar vantagem em relação ao opositor direto movendo-se para o seu espaço. Uma vez reunidas todas as condições (orientação corporal, bola sob controlo), o defensor terá dificuldade em controlar o espaço, pelo que o atacante procurará tirar vantagem dessa situação. No fundo, estamos a falar da capacidade de aproximação ao opositor quando em posse.

12. Temporização no ataque

Tal e qual como a defesa pode temporizar a sua ação, também podemos retardar o ataque por forma a executarmos o nosso processo de forma mais lenta. Ao alterarmos a velocidade do jogo, podemos ter a capacidade de explorar situações mais vantajosas em determinadas circunstâncias.

13. Bloqueios

Os bloqueios são movimentos efetuados com a intenção de ganhar tempo e espaço em relação ao opositor direto, quer este esteja com ou sem bola.

1.3.2. Fundamentos Táticos Defensivos

Os fundamentos táticos defensivos podem ser definidos como uma combinação de movimentos, posicionamentos e ações defensivas executadas quer em termos individuais, quer em termos coletivos, de acordo com os objetivos defensivos de uma equipa, seja para recuperar a posse, seja para impedir a progressão do adversário. Para o autor, é difícil separar ou classificar cada um dos elementos. No entanto, os mesmos baseiam-se no processo que, tal como nos ofensivos, sustentam os jogadores para uma exploração mais eficaz do contexto de jogo, para a defesa da baliza, pressão sobre o adversário e roubo de bola.

Como forma de guiar a ação dos jogadores e adequar os fundamentos a cada contexto, Hierro (2017) realça as seguintes informações contextuais como fundamentais para guiarem a ação dos jogadores no processo defensivo: sítio em que a bola se encontra, posição dos colegas de equipa/adversários, direção ou sentido da circulação, critério adotado para pressão na bola, posição defensiva do jogador que marca o adversário com bola, posicionamento defensivo (lado forte/lado fraco), ângulos para o passe – objetivo do ataque. No entanto, a perceção e utilização da informação será ajustada de forma diferenciada em função dos objetivos e da intencionalidade momentânea dos jogadores no processo defensivo.

Hierro, (2017) considera que o processo defensivo pode ser dividido em três grandes fases que alteram a própria intenção dos jogadores e as respetivas possibilidades de ação a explorar:

- Antes da receção da bola (ou em casos em que a bola não é recebida)
Posição básica defensiva. Cobertura defensiva. Solidez defensiva. Posicionar o corpo por forma a dominar adequadamente o campo visual (a bola e a posição dos colegas e adversários).

Manter a distância adequada em relação ao adversário (potenciar uma reação coordenada ao movimento ofensivo contrário. Antecipar o comportamento do adversário, limitando o número de opções do mesmo.

Apoio, cobertura e controlo do espaço (em termos individuais e coletivos). Basculação correta.

- Quando a receção se aproxima (quando o passe segue o seu caminho)
Movimentação de acordo com a trajetória da bola, foco no jogador que recebe a bola para encurtar o espaço, exercício de pressão, incutir agressividade na pressão.

Antecipação, interceção do passe, defesa por antecipação antes da entrada do passe, encurtar o espaço em relação ao adversário direto.

Orientação corporal, controlo do espaço em relação ao jogador que recebe a bola. Ter em conta a velocidade da bola, os movimentos efetuados pelos jogadores que estão a atacar, perceber qual o pé forte do adversário, leitura do jogo.

- Após a receção da bola (defender o jogador em posse)
Posição básica defensiva, desarme, ombro a ombro com o jogador em posse.

Bloqueio/interceção da linha de passe e encurtamento do espaço sem negligenciar a posição básica defensiva.

Pressão no portador da bola e controlo do espaço para prevenir que a equipa em posse dê continuidade ao ataque. Leitura do jogo adequada por forma a defender na direção correta aquando da pressão na bola.

Conceitos coletivos baseados na leitura do jogo, entre os quais temporização, vigilância e basculação.

Para o cumprimento destas fases do processo defensivo, Hierro (2017) define como fundamentos defensivos:

1. Controlo espacial (ao ajustar marcações)

A capacidade de controlarmos o espaço em relação ao nosso opositor direto sempre que procedemos a ajustamentos é importante. Para tal, Hierro (2017) considera quatro aspetos para o êxito nesse sentido:

- “Manter uma distância de segurança em relação ao opositor marcado (espaço em relação ao adversário sem bola)
- Controlo do espaço em relação ao adversário com bola
- Recuperação do espaço defensivo
- Controlo espacial em situação de bloqueio”

2. Pressão no portador da bola

O exercício de pressão adequada no portador da bola por via do encurtamento do espaço condiciona a ação do opositor na medida em que reduz o tempo de execução, decisão e restringe o número de opções disponíveis, quer por ação individual (finta/drible), quer por ação coletiva (número de linhas de passe/opções para dar continuidade ao jogo). Assim, o exercício de pressão no portador da bola tem uma influência nos demais aspetos associados à organização defensiva de uma equipa. Hierro (2017) dá ênfase a quatro fatores:

- Encurtamento do espaço defensivo durante a trajetória (destino) do passe
- Adoção da posição básica defensiva no momento de pressão
- Corte, interceção, antecipação e “ombro a ombro” com o adversário
- Postura defensiva adequada no momento de pressão, condicionamento da área de ação do adversário por forma a reduzir o espaço de atuação e as linhas de passe.

3. Comandar o espaço

A ocupação racional do espaço em momento defensivo é essencial para o sucesso de qualquer sistema defensivo, independentemente da sua natureza, seja ela zonal, mista, individual, pressionante ou não. O equilíbrio através do domínio e supressão dos espaços tem implicações na forma como o adversário trabalha o ataque. No entanto, este controlo/domínio espacial não deve ser apenas somente tido em consideração no momento defensivo, ou seja, quando o adversário tem a bola. Manter o equilíbrio defensivo enquanto a própria equipa se encontra em posse é essencial, por forma a adotar uma resposta rápida e eficaz a uma eventual perda de bola que possa resultar numa

transição perigosa. As coberturas ofensivas, a noção dos espaços que a equipa ocupa quando em posse e das linhas em que defende são essenciais para uma resposta rápida à ação adversária com a prontidão, rapidez e eficácia que se pretende em momento de transição defensiva.

A definição e disposição das linhas defensivas é essencial no processo defensivo, uma vez que os jogadores posicionados nas segunda e terceira linhas são importantes para assegurar equilíbrio, salvaguardando os jogadores que exercem pressão na primeira linha – controlo do espaço, coberturas, basculação, trocas/saltos de marcação. Independentemente do número de jogadores colocados na primeira linha de pressão, o posicionamento nas segunda e terceira linhas servem como garantia de equilíbrio, estabilidade e unidade defensiva.

4. Entreaajuda defensiva

Hierro (2017) considera três “conceitos-chave” associados à entreaajuda defensiva.

- Apoio – Ação que visa travar a progressão de um adversário que superou o companheiro de equipa enquanto permite a recuperação do colega de equipa.
- Cobertura – Posicionamento por forma a prestar auxílio ao companheiro caso perca o duelo com o opositor direto.
- Trocas – Ocupar a posição de um companheiro que se movimentou em prol da manutenção do equilíbrio defensivo da equipa por forma a compensar ou ajudar outro companheiro de equipa.

5. Temporização

Ação levada a cabo com o intuito de retardar/atrasar o ataque ou ação ofensiva adversária por forma a permitir que a equipa se consiga reestabelecer e organizar defensivamente. Por temporização entendemos o momento em que a defesa tenta ganhar tempo para se reposicionar, quer por força de se encontrar em inferioridade numérica no momento da perda, quer após uma transição ofensiva que não foi concluída com sucesso (finalização/golo).

6. Basculação/Flutuação

Movimento defensivo em que o jogador “salta a marcação” por forma a acompanhar a desmarcação de um adversário que a faz para oferecer mais uma opção ao adversário. Esta ação é normalmente efetuada por jogadores que defendem nas segunda e terceira linhas por forma a dominarem o espaço do jogo e a restringirem as possibilidades do adversário

para dar seguimento ao jogo. A esta ação está subjacente a percepção do sentido do jogo, do posicionamento dos companheiros, do posicionamento adversário e dos espaços que estão a ser ocupados.

7. Trocas

A aplicação prática das trocas ou saltos de marcação visa a manutenção da organização estrutural defensiva, reduzindo os espaços passíveis de exploração por parte do adversário e dificultando a circulação de bola com qualidade. A manutenção das linhas defensivas, a redução das possibilidades de ação do adversário (por solução individual ou coletiva) através da redução do espaço e da supressão de linhas de passe/apoio ao jogador em posse são os objetivos da troca. As trocas defensivas podem ser sobre um determinado jogador (ou portador) ou variar consoante o espaço por forma a precaver a exploração do mesmo.

8. Salto

O conceito de salto está intimamente ligado e consubstancia-se numa troca de marcação em que o jogador que está em missão defensiva acompanha a trajetória da bola por forma a exercer pressão no jogador que se prepara para receber o passe, condicionado a ação do opositor e restringindo pelo menos uma possibilidade (linha) de passe. Este tipo de ação tende a ocorrer nas primeiras e segundas linhas defensivas, aplicada em momentos nos quais existe maior proximidade entre os dois jogadores que efetuam a ligação, condicionados pela zona do terreno em que efetuam essa mesma ação e limitados pelas dimensões do terreno de jogo.

9. Bloqueio das linhas de passe

Ao fecharmos as linhas de passe com o intuito de restringirmos a ação adversária, impedimos que a circulação e as intenções subjacentes ao ataque de se desenvolve sejam levadas a bom porto. Assim, a intencionalidade subjacente à ação adversária é desvirtuada em função da intenção da defesa que passa por levar a bola para zonas de pressão ou espaços, espaços encurtados ou zonas em que possa alcançar superioridade numérica. A finalidade máxima, claro, passa pela recuperação da posse. O bloqueio das linhas pode ser feito através da supressão das linhas disponíveis para o jogador em posse ou através da redução dos espaços para receção dos jogadores sem bola.

10. Retorno

O retorno defensivo ou recuperação diz respeito à reação/comportamento quer individual quer coletiva adotado(a) após a perda da posse, por forma a recuperar a

organização defensiva. Os retornos e recuperações ocorrem maioritariamente em momentos de transição defensiva.

11. Organização defensiva

A organização defensiva de uma equipa (bem como a transição, aludindo aos momentos de jogo) é consubstanciada pela devida aplicação dos fundamentos defensivos que potenciam a ação de uma equipa e são garantia de qualidade nesses mesmos momentos, sempre considerando os princípios específicos inerentes. A ocupação racional do espaço em todas as situações e fases defensivas e a cooperação defensiva em torno de um objetivo para impedir que o adversário leve a cabo os seus objetivos do ponto de vista ofensivo são a base da organização defensiva de uma equipa.

1.4. Ensino do Jogo de Futsal

Na sua proposta de modelo de formação desportiva aplicada ao futsal, Guilherme e Braz (2013) contemplam quatro níveis evolutivos em termos de desempenho: Nível Básico; Nível Elementar; Nível Intermédio; Nível de Especialização. Assim, para os autores, os níveis evolutivos estão relacionados com os comportamentos em relação a: (i) às ações individuais com e sem bola), (ii) ao conhecimento do jogo e seus objetivos, (iii) à organização posicional e estrutural e (iv) à organização funcional. Para Mendes, J (2014), este é um processo que depende da análise do treinador e não é estanque, pelo que convém estar ciente de que mesmos os comportamentos de cada nível são mutáveis e relacionam-se entre si, pelo que importa preservar alguma plasticidade nas respetivas interpretação e operacionalização”.

Guilherme & Braz (2013) caracterizam cada nível de desempenho:

Nível Básico – Ações individuais com ou sem bola

Os autores indicam que o nível básico se manifesta pelo “rudimentar relacionamento com a bola”. Os jogadores exibem dificuldade nas suas ações técnicas, algo com consequência direta no envolvimento e participação no jogo, com pouca organização tanto em termos funcionais quanto posicionais e constantes aglomerados em função do centro do jogo (bola). A ação individual sobrepõe-se por completo às intenções coletivas e a natureza do jogo é desorganizada.

Nível Elementar – Conhecimento do jogo e seus objetivos

Do nível básico para o nível elementar, verifica-se um maior entendimento do jogo enquanto projeto coletivo, os jogadores desenvolvem e apuram o respetivo sentido posicional. A essa melhoria do entendimento do jogo com projeto coletivo não é alheia a melhoria da relação da bola que dá azo a uma maior qualidade em termos de circulação. O individual continua a imperar em relação ao coletivo, mas há uma maior noção dos espaços que cada jogador deve ocupar no terreno de jogo.

Nível intermédio – Organização posicional e estrutural

No caso do nível intermédio, há um reforço daquilo que é o entendimento do jogo por parte dos jogadores, cientes de que os seus comportamentos individuais devem potenciar o projeto coletivo, bem como da forma como têm que se posicionar e comportar nos diferentes momentos do jogo. Há mais qualidade na circulação e o jogo disputa-se de forma mais intensa e dinâmica.

Nível de Especialização – Organização funcional e dinâmica coletiva

Os jogadores estão já num pedestal em termos aquisitivos que permite jogar ao mais alto nível, considerando toda a complexidade que o jogo contempla nas suas diversas vertentes. Os jogadores estão a um nível que lhes permite adequada postura e posicionamento em cada momento de jogo, permitindo à equipa estar bem equilibrada.

Ao nível dos conteúdos, os autores definiram também os conteúdos a trabalhar em cada um dos níveis em causa. Deste modo, é possível estabelecer um paralelo com os fundamentos e perceber a partir de que nível – considerando dessa forma e não sectorizando de forma etária – devem ser trabalhados os diferentes fundamentos.

Embora existam vários modelos de desenvolvimento do jogador preconizados que podem ser aplicados, no caso do futsal, a proposta de Guilherme e Braz (2013) relativa aos conteúdos a apreender em cada um dos níveis de desempenho está totalmente ajustada à realidade da modalidade. Assim, os autores dividem os aspetos a desenvolver/dominar correlacionados com os seguintes conteúdos:

- Relação com a bola
- Princípios Ofensivos
- Princípios Defensivos

Tabela 1 - Articulação de conteúdos entre níveis de desempenho no futsal (Guilherme & Braz, 2013)

Conteúdos	Básico	Elementar	Intermédio	Especialização
Relação com a bola	Controlo da bola	Controlo da bola	Controlo da bola	Controlo da bola
	Passe vs receção	Passe vs receção	Passe vs Receção	Passe vs Receção
	Remate	Condução	Condução	Condução
	Posição defensiva	Drible/Finta	Remate	Condução
		Posição Defensiva	Drible/Finta	Remate
		Interceção/desarme	Posição defensiva	Drible/Finta
			Interceção/Desarme	Posição Defensiva
				Interceção/Desarme

Princípios Ofensivos	Penetração	Penetração	Penetração	Penetração
	Cobertura Ofensiva	Cobertura Ofensiva	Cobertura Ofensiva	Cobertura Ofensiva
			Mobilidade	Mobilidade
			Espaço	Espaço

Os níveis de desempenho acima considerados contemplam a qualidade de jogo dos jogadores e não a idade. Ou seja, a relação entre a idade dos praticantes e o nível de desempenho em que se encontram não é linear. Uma equipa de iniciados (sub-13) poderá enquadrar-se no nível de desempenho básico, ao passo que outra equipa do mesmo escalão pode enquadrar-se no nível de desempenho intermédio atendendo às capacidades e qualidades que os seus jogadores apresentam em termos técnicos e táticos. A sensibilidade do treinador servirá para perceber em que nível de desempenho se encontra a equipa que está a treinar, importando perceber quais são os fundamentos técnicos, potenciadores da ação tática, que os seus jogadores já dominam e quais os conteúdos que importam trabalhar. Para além da identificação do nível de desempenho como forma de avaliar os conteúdos a trabalhar e os objetivos a alcançar, a definição do nível de desempenho permite ainda identificar os pressupostos chave para elaboração de tarefas de treino de cada nível, ou mais especificamente de cada jogador. Isto é, cada exercício de treino deve manter a representatividade, a dependência contextual, a variabilidade comportamental, adequadas ao nível de desempenho, bem como assegurar a aplicação de estímulos progressivos (Travassos, 2020).

Travassos et al. (2012) refere que as tarefas de treino podem ser simplificadas, mas sempre concebidas em função da fidelidade em termos de ação em relação ao contexto de competição e tendo por base o nível competitivo dos jogadores. No entanto, sobretudo em contexto de formação, há momentos do treino em que podemos não respeitar todos os pressupostos anteriores na conceção de tarefas, isto para privilegiarmos outros conteúdos para otimização de performance. Mesmo que percamos representatividade em relação ao contexto de jogo, mantendo a dependência contextual asseguramos o trabalho de ação tática individual, mas sem contextualização no que diz respeito ao jogo. No processo de aprendizagem este é um processo muito comum e recomendado, sobretudo nos escalões mais básicos de formação onde se pretende sobretudo a exploração individual de possibilidades de ação (Travassos, 2014).

Assim, ao elaborarmos uma sessão de treino, importa perceber se os conteúdos que estamos a trabalhar vão ao encontro das exigências do jogo e da competição, ou mesmo, se estão a solicitar os comportamentos solicitados de forma semelhante ao que acontece em

competição, tendo por base o nível de desempenho considerado (Machado et. al, 2019). Sabendo que, os conteúdos a desenvolver variam consoante o nível de desempenho em que os jogadores se encontram, a finalidade passa sempre por otimizar as capacidades dos jogadores para a competição imediata e numa perspetiva de longo prazo até ao escalão sénior. No fundo, o jogador está envolvido num processo de desenvolvimento contínuo, mas não linear, em que os conteúdos a desenvolver respeitem o seu estágio de desenvolvimento e desempenho numa perspetiva evolutiva em termos de dificuldade (calibração) e complexidade (afinação) das tarefas tendo por base o jogo.

Xavier (2020) advoga que a missão das sessões de treino passa por identificar os limites, e propor ao treino as dificuldades necessárias e obstáculos para a evolução. A este propósito, não basta saber avaliar qual o nível de desempenho dos jogadores, é necessário saber manipular os diferentes constrangimentos da tarefa do individuo ou do contexto de modo a promover as adaptações pretendidas (Travassos, 2020). Ometto et al. (2018) considera que a manipulação dos constrangimentos da tarefa parecem ser uma estratégia adequada para criar contextos que facilitem o desenvolvimento da ação táctica. Para percebermos que variáveis mobilizar e manipular, importa percebermos que conteúdos/fundamentos, ações pretendemos trabalhar. A manipulação das variáveis faz com que determinados comportamentos sejam potenciados em detrimento de outros, comportamentos esses que otimizam a capacidade de resposta (adaptação) da equipa e seus jogadores nos diversos momentos do jogo.

Face ao exposto, não existindo até ao momento nenhum estudo que contextualize as ações de jogo e o modo como os fundamentos as podem sustentar, urge a avaliação dos contextos de jogo que caracterizam a ação dos jogadores de diferentes níveis de desempenho, bem como os contextos de treino em que estes são desenvolvidos ao longo deste processo de formação a longo prazo. Assim, este trabalho teve como objetivo, realizar a caracterização dos contextos de jogo que sustentam a ação táctica individual dos jogadores de futsal, nomeadamente a receção e o passe, como meio para uma melhor compreensão sobre a manipulação dos contextos de treino de acordo com as exigências do jogo.

2. Metodologia

2.1. Amostra

A amostra foi constituída por 2 jogos de Futsal entre as seleções nacionais AA de Portugal e Espanha disputados nos dias 23 e 24 de setembro de 2019, ambos disputados no Centro de Desportos e Congressos de Matosinhos e os dois com vitórias da equipa espanhola, o primeiro por duas bolas a uma, o segundo por uma bola a zero.

2.2. Recolha de dados

Através de um sistema de análise notacional, foram analisadas as jogadas de ataque (organização ofensiva) iniciadas nos guarda-redes ou na sequência de PLL (pontapés de linha lateral). Para o efeito, foram consideradas apenas jogadas em que o jogador conseguiu efetuar a receção (orientada ou não) e, após a mesma, ligar jogo com um colega (2 passes) – não foram contabilizadas saídas longas ou momentos em que o jogador tenha dado sequência ao jogo com recurso a um só toque ou com tentativa de finalização. Com o sistema de análise notacional foram analisadas as seguintes variáveis:

Ações individuais: 1) Receção – modo como o jogador recebia a bola após o passe: 1,1) receção orientada (receção dinâmica orientando a bola no sentido do deslocamento); 1,2) receção não orientada (receção estática da bola); 2) Número de Toques na bola após a receção (incluindo a receção) (número de toques na bola entre a receção e realização de passe).

Contextos de jogo: 3) Linha: zona do campo em que a receção foi efetuada tendo base 4 linhas defensivas longitudinais que dividem o campo em espaços de 8x20m (Ver Figura 1); 4) Relação Numérica na sequência de dois passes (número de jogadores em interação e no espaço definido pelas respetivas linhas defensivas).

Para cada posse de bola iniciada através de Pontapé de Linha Lateral (PLL) ou reposição e guarda-redes (GR), foram registadas as sequências de passes, o número de toques na bola, e a zona no campo em que decorreu a ação e a relação numérica existente em torno da bola. Após um primeiro registo inicial de cerca de 10min de jogo pelos autores deste trabalho, foi realizada uma análise de congruência entre os resultados observados e discutidas todas as situações para uniformização do critério de análise.

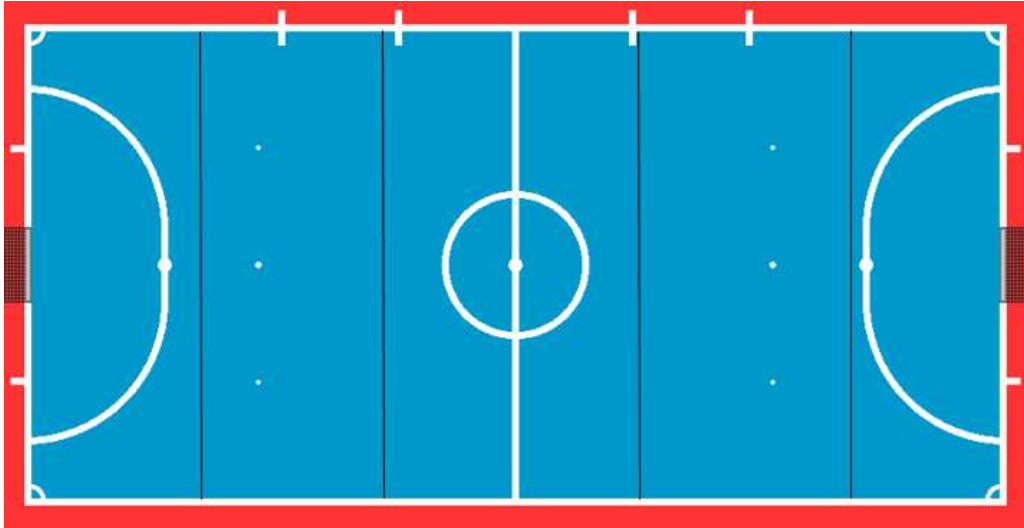


Figura 1 - Campograma com definição das linhas defensivas para registo do local do campo das ações analisadas

2.3. Análise de dados

Foi realizada uma análise de dados descritiva de modo a caracterizar a ação tática individual e os contextos a ela associados. Para o efeito foram registadas as frequências de ocorrência das variáveis descritas e calculada a sua percentagem face ao total, de modo a identificar as características das ações e os contextos mais prevalentes.

3. Resultados

Analisadas as quatro variáveis e respectivas frequências, os resultados revelaram ao nível das ações individuais predominância de receções orientadas (67.1%), e da realização de 2 toques (73.3%). Ao nível dos contextos de jogo verificou-se que grande parte das ações ocorreram na linha 1 (52.8%) e em igualdade numérica 2x2 37.3%) ou 3x3 (32.3%) (ver Tabela 2).

Tabela 2 - Frequência e percentagem de ações individuais e contextos de jogo

		N	%
Ações individuais			
Receção	Orientada	108	67.1
	Estática	53	32.9
Nº de toques	2	118	73.3
	3	30	18.6
	>3	13	8.1
Contextos de jogo			
Linha	1	85	52.8
	2	57	35.4
	3	16	9.9
	4	3	1.9
Relação numérica	2x1	14	8.7
	2x2	60	37.3
	3x2	29	18
	3x3	52	32.3
	4x3	3	1.9
	4x4	3	1.9

Receção estática ou orientada

Em 161 ações de receção (orientada ou não orientada), aproximadamente 67.1 por cento (arredondamento às décimas) ocorreram de forma orientada, ao passo que aproximadamente 32.9 por cento aconteceram de forma não orientada. Verifica-se uma clara tendência para maior recurso à receção de forma orientada.

Número de toques

No que diz respeito ao número de toques utilizados pelo jogador após a receção (inclusive), foram sectorizados em três categorias: 2 toques; 3 toques; 4 ou mais toques.

Num total de 161 ações, verificou-se o predomínio do recurso aos dois toques, o primeiro para efetuar a receção, o segundo para dar continuidade ao jogo. Assim, os jogadores das seleções de Portugal e Espanha utilizaram dois toques em aproximadamente 73.3 por cento (arredondamento às décimas) das ocasiões em que receberam bola na sequência de PLL ou de uma reposição do guarda-redes. A segunda maior percentagem corresponde ao recurso a três toques, com os valores a ascenderem a aproximadamente 18.6 por cento, ao passo que em apenas 8.1 por cento das ocasiões registadas se verificou que os jogadores utilizassem quatro ou mais toques na sequência da receção.

Linhas

Verifica-se um claro predomínio relativo ao número de receções nas duas primeiras linhas, ou seja, no meio-campo defensivo. 88.2 por cento (arredondamento às décimas) das receções ocorreram nas duas primeiras linhas, 52,8 por cento em zonas mais próximas da linha 1 e 35.4 por cento em zonas mais aproximadas à linha 2. Apenas aproximadamente 9.9 por cento das receções se verificaram na zona 3, ao passo que 2.5 por cento ocorreram em zonas mais próximas da linha 4.

Relação numérica

As relações numéricas foram recolhidas em função do posicionamento da equipa em posse bem como do adversário no momento em que o jogador que recebeu a bola deu continuidade ao jogo. Assim, foram consideradas as seguintes relações: 2x1, 2x2, 3x2, 3x3, 4x3 e 4x4.

Verifica-se, sem surpresa, predomínio das situações de igualdade numérica, sobretudo 2x2 e 3x3. Ao todo, verificaram-se relações numéricas de 2x2 em 37,3 por cento das situações e de 3x3 em 32,3 por cento. Ocorreram situações de 3x2 em 18 por cento das vezes, 2x1 em 8,7 por cento e, por fim, igual percentagem nas relações de 4x3 e 4x4 com 1,9 por cento cada.

4. Discussão

Este trabalho teve como objetivo, realizar a caracterização dos contextos de jogo que sustentam a ação tática individual dos jogadores de futsal, como meio para uma melhor compreensão sobre a manipulação dos contextos de treino, de acordo com as exigências do jogo. Para isso, procurámos caracterizar algumas ações táticas individuais (recepção e passe) que ajudam a uma melhor compreensão sobre a importância dos fundamentos ofensivos para a melhoria do desempenho dos jogadores de futsal. Os resultados revelaram de forma interessante que os jogadores de alto nível tendem a receber de forma dinâmica a bola (orientada) e dão um reduzido número de toques quando a têm em sua posse. Para além do referido, as ações são integradas num contexto coletivo tendo por base o espaço do campo em que ocorrem. Neste âmbito verificámos que grande parte do jogo tende a ocorrer no meio campo defensivo em situações de igualdade numérica 2x2 e 3x3. Tal como observado em estudos anteriores (Ometto et al., 2018) este tipo de análises permitiu uma melhor compreensão sobre as exigências do jogo ao nível da ação tática e das ações e fundamentos individuais que os jogadores devem dominar bem como dos contextos de jogo em que se inserem. Para além do referido são uma ferramenta muito interessante para comparar a representatividade dos contextos de treino em relação aos contextos de jogo.

Tendo por base que o futsal se desenvolve de acordo com o plano: espacial e temporal, da informação e da organização (Garganta, 1997), este trabalho procurou dar resposta aos dois primeiros. Neste âmbito no plano espacial e temporal este estudo reforçou a importância do desenvolvimento da ação dos jogadores sobretudo em espaços e tempos reduzidos para a ação, levando a que grande parte das suas recepções sejam orientadas, permitindo ganhar vantagem espacial em relação ao marcado direto no momento da recepção da bola e com poucos toques na bola, realçando a pressão temporal e a necessidade de o jogador constantemente buscar informação de forma antecipada à ação que lhe permita de forma rápida ajustar as suas ações às exigências do contexto. De facto, Oppici, Panchuk, Serpiello & Farrow (2017) revelaram no plano da informação, que os jogadores de futsal apresentam uma grande busca visual antes e no momento da recepção da bola de modo a anteciparem as suas decisões e ações e a concretizarem a sua execução a forma mais ajustada ao contexto. É nesta perspetiva que se reforça a necessidade do processo de aprendizagem ter por base a constante relação entre afinação e calibração de modo a que os jogadores percecionem a informação que lhes permite ajustarem a sua ação às condições do contexto. Apesar de se identificar uma clara tendência para que as ações de recepção sejam orientadas e os jogadores apenas realizem dois toques na bola para a passarem, o treino não deverá ter por base o desenvolvimento destes comportamentos de forma isolada. O treino deverá sim, criar

contextos que potenciem o surgimento deste mesmo tipo de comportamentos em função das suas características ou do seu nível de desempenho (Assunção, 2017).

Apesar deste trabalho assentar na discussão sobre os processos para o ensino do jogo, a análise realizada teve por base apenas duas equipas de elite. Sabendo que esta pode ser uma limitação do nosso trabalho, consideramos, no entanto, que desta forma foi possível testar a utilização desta metodologia na análise da ação tática individual e da identificação dos contextos para a ação a ela associados. Para além do referido, consideramos que os resultados obtidos podem permitir uma melhor compreensão do tipo de comportamentos a desenvolver pelos jovens jogadores e dos contextos de prática associados de modo a responder às exigências do jogo (Mendes, 2014). A este propósito podemos avaliar os resultados obtidos tendo por base os fundamentos táticos ofensivos de modo a justificar as opções para o seu desenvolvimento em contexto de treino. Os fundamentos sustentam a exploração de um maior número de soluções efetivas para problemas que podem surgir durante o jogo (Hierro, 2017).

Na análise da receção de bola, verificámos que esta exige a mobilização de fundamentos táticos ofensivos para a sua concretização. Antes de tudo, implica o recurso a fatores de ordem perceptiva-decisional que permitem ao jogador adequar a sua resposta motora (recebendo a bola de forma orientada ou não) ao contexto, tal como referido anteriormente. De facto, o jogador de futsal deve iniciar a busca visual que orienta a sua ação no jogo antes do momento da receção, e durante a receção de modo a avaliar as suas possibilidades de ação antecipadamente, permitindo-lhe ajustar a sua receção às condições de jogo atuais (Oppici et al., 2017). Por forma a adequar a natureza da receção ao contexto de jogo, importa dominar o campo visual (fundamento tático ofensivo) mediante referências como o local do campo e o espaço, o tempo e o número de jogadores envolvidos no contexto em que decorre à ação. O domínio do campo visual é indissociável da componente perceptiva (Hierro, 2017).

A orientação corporal é outro fundamento tático ofensivo a considerar neste sentido, uma vez que a forma como o jogador se posiciona aquando da receção da bola está diretamente relacionada com o número de opções táticas disponíveis para dar continuidade ao jogo. Na análise efetuada, 67.1 por cento das ações de receção foram efetuadas de forma orientada, ação que pressupõe que o jogador domine o seu campo visual e que se posicione da forma mais adequada para dar sequência à sua ação, mantendo o domínio e ganhando mesmo vantagem espacial em relação ao marcador direto. Atendendo à quantidade de vezes que os jogadores (jogadores de alto rendimento) optaram por receber de forma orientada, importa transportamos os fundamentos que consubstanciam as suas ações para trabalho em contexto

de treino. Desde os níveis de desempenho mais básicos, os jogadores devem ser confrontados com contextos de treino que os obriguem a decidir entre receber de forma orientada ou estática, de modo a que desenvolvam estas competências mantendo a relação informação-ação de acordo com o que ocorre em jogo.

Na análise do número de toques, importa realçar que foram consideradas apenas as situações em que houve receção, ou seja, a bola não foi jogada a um só toque (quer em passe, quer remate). Assim, em 77.3 por cento das ocasiões, os jogadores recorreram a somente dois toques, o primeiro para efetuar a receção e o segundo para dar sequência ao jogo, reflexo da exigência do jogo em termos espaço-temporais. A capacidade de receber a bola com uma orientação corporal para o jogo, e o domínio do jogo em ambos os eixos, invocando a questão da lateralidade (fundamento tático ofensivo), bem como o domínio da bola em relação ao opositor direto assume importância nesse sentido, permitindo ao jogador ajustar a sua ação da forma mais ajustada ao jogo. Em 18.6 por cento das ocasiões, os jogadores recorreram a três toques, ao passo que só em 8.1 por cento dos casos dispuseram de quatro ou mais toques.

A pressão média/alta privilegiada pelos dois conjuntos durante a maior parte do jogo reduz o espaço e tempo para ação com consequências diretas a nível de ação individual e circulação, ajudando a explicar o reduzido número de toques. Esta é uma característica que de forma clara marca a exigência do jogo de futsal de elite, devendo os jogadores serem preparados para esta exigência, ajustadas ao seu nível de desempenho atual. Sabemos que por exemplo a restrição do espaço de jogo em níveis de desempenho menores não deve ser tão vincado, mas com o recurso a espaços maiores, que permitam aos jogadores mais espaço para receção e controlo de bola (Assunção, 2017), mas mantendo restrições no tempo disponível para a ação ou na informação a gerir pelos jogadores, todas as tarefas deverão pressupor a relação entre a relação com a bola e os fundamentos evidenciados anteriormente.

Tendo em conta que não foram consideradas ações pós-PLL que envolvessem apenas um toque (passe ou remate) nem lançamentos longos efetuados pelos guarda-redes, é sem surpresa que se verifica o predomínio das ações nas duas linhas mais baixas (1 e 2), associadas ao espaço defensivo da equipa, e sobretudo em momento de construção, com um total de 88.2%. Atendendo à proximidade em relação à própria baliza e à capacidade e agressividade da pressão adversária sobre o portador em certos momentos do jogo, a ação de receção com os fundamentos subjacentes, referidos anteriormente, torna-se determinante.

A quebra para libertação da marcação adversária, a criação de linhas de passe para dar continuidade ao jogo e a criação, ocupação e aproveitamento do espaço são outros dos

fundamentos táticos ofensivos subjacentes ao comportamento dos jogadores. É nesta perspectiva que as ações individuais de cada um dos jogadores passam a configurar como projetos grupais ou coletivos onde o timing e coordenação entre ações deve otimizar as inter-relações entre jogadores de uma mesma equipa, face aos desafios propostos pelo jogo (Travassos et al. 2012). O treino da ação tática individual deve então ser sempre contextualizado, não bastando treinar de forma isolada cada uma das ações de jogo ou fundamento, mas sempre tendo por base as relações estabelecidas entre pelo menos 2 jogadores, como resposta a um qualquer constrangimento imposto pelo jogo ou tarefa de treino.

A menor percentagem de ação nas linhas 3 e 4 (meio-campo adversário) é justificada pelo menor número de espaço para efetuar a receção, uma vez que as reposições através de PLL nas duas linhas mais avançadas são maioritariamente precedidas de devoluções a um só toque ou tentativas de finalização.

Em relação à análise da relação numérica, importa inicialmente atentar nas relações numéricas estabelecidas tendo por princípios gerais do jogo:

- Recusar a inferioridade numérica
- Evitar a igualdade numérica
- Criar a superioridade numérica

A análise das relações numéricas estabelecidas na zona de ação (após um passe), permitiu aferir que o predomínio de situações de igualdade numérica, nomeadamente 2x2 (37.3 por cento) e 3x3 (32.3 por cento). Os resultados não são surpreendentes atendendo à pressão média/alta exercida pelas equipas bem como pela capacidade de ambas em momento de organização defensiva. As vantagens de 3x2 surgem imediatamente a seguir em termos percentuais com um valor de 18 por cento. Se temos por objetivo recusar a igualdade em momento ofensivo, importa potenciar comportamentos que permitam alcançar superioridade, comportamentos esses potenciados através da aplicação de fundamentos táticos ofensivos: mobilidade e desmarcações sobretudo em apoio. Estes resultados vêm reforçar que o jogo, mais do que um projeto coletivo, é um projeto que se desenvolve em diferentes escalas ou relações numéricas, devendo os jogadores em cada momento conseguir ajustar as suas ações ao nível de relações impostas. A este propósito Mendes (2014) considera que o ensino do jogo deve ser realizado através de situações de superioridade numérica, de modo a realçar os comportamentos pretendidos, em função dos níveis de desempenho dos jogadores. De facto, sabendo que o jogo se joga sobretudo na relação entre diferentes níveis de ação tática individual e grupal, o ensino do jogo deve permitir simplificar este nível de relações mantendo a exigência espacial e temporal previamente realçadas.

Neste sentido, consideramos como implicações para o ensino do jogo, tendo por base os níveis de desempenho identificados, para além dos conteúdos a trabalhar em cada um dos níveis, dois aspetos:

- 1) A representatividade face às exigências e solicitações do jogo, mesmo em escalões mais baixos;
- 2) Trabalhar os fundamentos correlacionados com os conteúdos.

Guilherme e Braz (2013) definem que aspetos associados aos conteúdos definidos (capacidades coordenativas com e sem bola, Princípios Ofensivos e Princípios defensivos) devem ser trabalhados em cada um dos níveis de desempenho considerados (Básico, Elementar, Intermédio, Especialização). Estes aspetos obedecem, claro, a uma lógica evolutiva, de progressão, estabelecendo o domínio de determinados aspetos em certo estágio de aprendizagem.

Subjacente ao desenvolvimento dos aspetos correlacionados com os conteúdos enunciados em causa está o domínio dos fundamentos, domínio esse que devemos potenciar e fomentar através da construção de exercícios de treino. Para isso, importa perceber que fundamentos devem ser trabalhados por forma a otimizar performance em termos individuais e coletivos, relaciona-los com os aspetos associados a cada um dos estágios de aprendizagem e adaptar as exigências do treino numa lógica de progressão a nível de exigência e complexidade em que existem pressupostos a cumprir em cada um dos níveis de desempenho sem descurar as especificidades associadas ao nível de aprendizagem.

Importa, portanto, atentar nos fundamentos ofensivos associados ao domínio dos aspetos propostos nos diferentes níveis de desempenhos, sem esquecer os resultados obtidos neste trabalho, que nos dão uma visão clara acerca da importância dos fundamentos que consubstanciam a ação tática e estão subjacentes às ações, bem como os contextos em que ocorrem.

Capacidades coordenativas com e sem bola

Os aspetos relacionados com o desenvolvimento das capacidades coordenativas sobretudo com bola são, evidentemente, indissociáveis de qualquer estágio de aprendizagem, variando a quantidade e complexidade de ações que o jogador deve dominar em cada um dos níveis. Mesmo que numa lógica mais lúdica associada a idades mais precoces, a construção de

exercícios (ou atividades) para treino deve ter em conta essa preparação para os níveis de desempenho que se seguem.

Ao nível básico preconizado por Guilherme e Braz (2013), no das capacidades coordenativas com bola, estão associados os seguintes fundamentos técnicos ofensivos: controlo da bola; passe vs receção, condução da bola; remate. A partir do nível elementar (inclusive), para além dos fundamentos técnicos mencionados, os autores propõe a introdução do Drible/Finta.

Estes fundamentos técnicos ofensivos funcionam como potenciadores da ação tática, ou seja, o seu desenvolvimento em idade precoce permitirá que os jogadores, a partir do momento em que ascendam a um nível em que o jogo deve ser entendido como um projeto coletivo, se encontrem munidos dos recursos que permitam resolver problemas em função das exigências e solicitações do jogo. No nível de desempenho mais baixo (básico), o trabalho a desenvolver centra-se essencialmente no desenvolvimento fundamentos técnicos ofensivos (predominantes em relação aos defensivos), ao passo que a partir do nível elementar, os princípios ofensivos e defensivos implicam um domínio mais capaz dos fundamentos táticos. A natureza da receção foi uma das variáveis tidas em conta na análise efetuada nos dois jogos entre Portugal e Espanha e os resultados evidenciaram um predomínio das receções efetuadas de forma orientada (67.1 por cento). Efetuar uma receção orientada de forma correta pressupõe o domínio de determinadas capacidades coordenativas sem bola associadas a fundamentos táticos do jogo de futsal, como sejam a lateralidade (fundamento tático ofensivo), o domínio do campo visual, orientação corporal. Estimular os jovens jogadores a dominarem o jogo através do seu campo visual e a sua ação através pelo melhor enquadramento com o jogo e explorando as ações disponíveis em dois eixos, aumenta a sua eficácia do ponto de vista técnico, e tem implicações claras do ponto de vista tático. O domínio do campo visual (fundamento tático ofensivo) pressupõe o domínio de referências (espaço, tempo, posicionamento da própria equipa e do adversário) por forma a tomar uma decisão em determinada circunstância ou contexto. Dominar o campo visual ajuda a perceber que recurso (ação) aplicar em determinada momento: progredir com bola ou não; dar continuidade ao jogo através de uma ação de passe para um companheiro em situação vantajosa; perceber a necessidade de servir de cobertura ofensiva (princípio ofensivo) ao companheiro de equipa através da criação de uma linha de passe (fundamento tático ofensivo), comportamento consubstanciado pela perceção da necessidade de dar apoio para manutenção da bola enquanto o espaço de jogo é racionalmente ocupado (fundamento tático ofensivo). Os resultados da análise efetuada são elucidativos em relação ao recurso a poucos toques na bola, sendo que na maioria das situações analisadas (73.3 por cento), os jogadores recorreram a somente dois toques, o primeiro para efetuar a receção e o segundo para dar continuidade ao jogo, importando propor desafios nesse sentido a nível de treino.

A partir do Nível Intermédio, Guilherme & Braz (2013) propõe a introdução dos princípios ofensivos “Mobilidade” e “Espaço”. Aos dois princípios ofensivos estão ligados vários fundamentos. A “desmarcação”, independentemente da sua natureza (apoio, rutura) é um dos fundamentos mobilizados nesse sentido, bem como a “Mobilidade – Movimentação sem bola”, respeitante aos movimentos efetuados por forma a fugir à marcação e dificultar a ação defensiva do adversário, oferecendo soluções ao portador da bola e explorando ou libertando determinados espaços. Os apoios dados para manutenção da posse e ocupação equilibrada do espaço de jogo é um fundamento tático ofensivo intimamente associado ao princípio do espaço, bem como a própria criação (através da mobilidade), ocupação e aproveitamento do espaço em si.

Exercícios de treino – Exemplos concretos

Tendo em conta os conteúdos propostos por Guilherme e Braz (2013) para cada um dos níveis de desempenho designados e o grau de complexidade ponderado no desenho de tarefas de treino, passamos a propor um exercício (com a respetiva progressão) para cada um dos níveis de desempenho.

Nível de Desempenho Básico

Jogadores em duas filas frente a frente com um obstáculo pela frente (sinalizador). Os jogadores de uma das filas passam a bola para o lado esquerdo do companheiro que deve orientar a bola para a direita, por trás do sinalizador, para posterior finalização, sendo que quem passou a bola vai correr tentar apanhar o jogador que a recebeu para o impedir de finalizar.

O exercício contempla aspetos associados aos fundamentos ofensivos orientação corporal e lateralidade e à capacidade coordenativa do jogador com bola (controlo da bola, passe vs receção, condução e remate), bem como o princípio ofensivo penetração (orientação da bola para um objetivo, no sentido da baliza), tendo o fator temporal associado pela perseguição realizada pelo companheiro que lhe passou a bola. Na análise aos jogos entre as seleções de Portugal e Espanha, a predominância de receções de natureza orientada foi clara, importando fomentar este tipo de comportamento em contexto de treino desde idades precoces, intimamente associado à melhoria da relação com a bola na orientação da mesma para um objetivo: o de finalizar e tentar fazer golo sem outra oposição que não a do guarda-redes, em espaço que permita receber, orientar e conduzir na direção da baliza. Este exercício deverá ser realizado dos 2 lados e potenciando ações de orientação da bola para a ala ou orientação da bola para o meio. No caso da orientação da bola para o meio, o jogador que faz a perseguição deverá tocar um cone no círculo central de modo a retardar a sua ação.

Numa fase inicial o exercício poderá ser pré-definido em termos de opções e numa fase posterior o treinador poderá ir aumentando o número de possibilidades de ação do jogador que recebe a bola em função de diferentes estímulos.

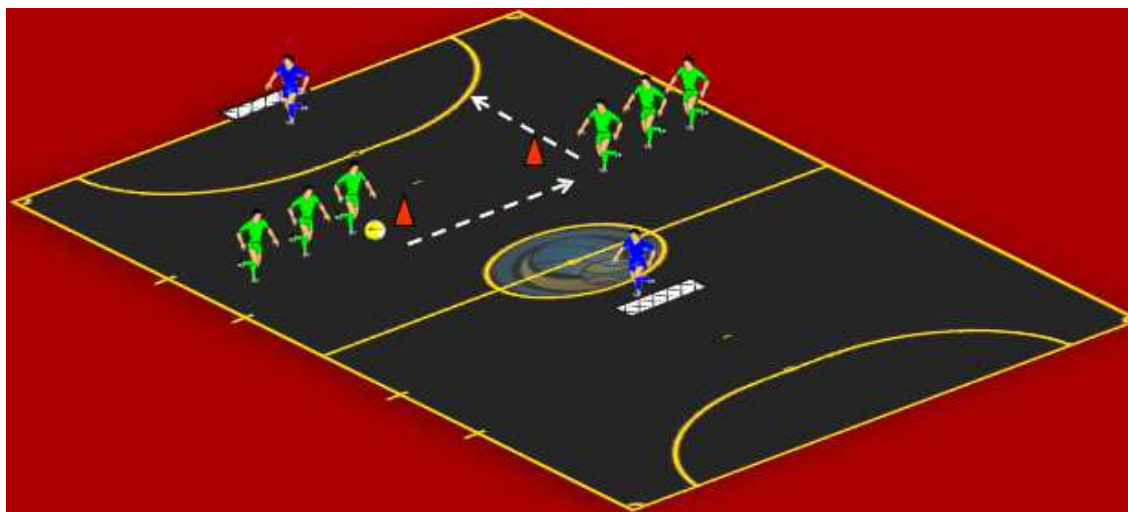


Figura 2 - Exercício Nível Básico

Nível de Desempenho Elementar

Espaço: 30mx20m

Estrutura: GR+2+1x2+1+GR

2x2 em espaço reduzido com dois apoios laterais que, se solicitados, entram em jogo por troca direta com o jogador que efetuou o passe.

Estão presentes todos os elementos relacionados com relação com bola, incluindo recepção, passe, drible e finta para criar desequilíbrios. Tendo por base o exercício anterior, neste caso são adicionados dos dois princípios ofensivos definidos por Guilherme & Braz (2013) como passíveis de aquisição no nível de desempenho elementar: penetração, na medida em que o jogador que efetua o passe deve perceber onde há uma situação de vantagem que potencie uma ação de condução no sentido da baliza por forma a criar um desequilíbrio levada a cabo pelo apoio; cobertura ofensiva no ataque. Ao ligar jogo com o apoio, o jogador percebe onde existe uma vantagem que poderá ser aproveitada através de recepção orientada da bola (para ganhar vantagem em relação ao opositor direto), e possível passe, drible ou remate para finalização. Quanto mais próximo os apoios laterais estiverem da baliza que atacam menos pressão terão para receber de forma orientada e finalizar. Atendendo ao nível considerado, é dada primazia a estruturas mais pequenas (2x2) reduzindo a complexidade do exercício (Travassos, 2014).



Figura 3 - Exercício Nível Elementar

Nível de Desempenho Intermédio

Espaços 30mx20m

Estrutura: GR+3+1x3+1+GR

Aumento da estrutura para 3x3 mantendo o espaço reduzido – os dados resultantes da análise aos jogos de Portugal e Espanha traduziram o domínio de situações de igualdade numérica, nomeadamente 2x2 (37,3 por cento das situações analisadas) e 3x3 (32,3 por cento). Tendo em conta a proposta de Mendes (2014) - o processo de aprendizagem do jogo deve ser realizado em estruturas de jogo simplificadas, sobretudo em situações de superioridades / inferioridades – recurso a dois apoios que proporcionam essas mesmas situações de superioridade/inferioridade, no caso, 4x3. A lógica mantém-se com dois apoios nas linhas em que ambos podem jogar pelas duas equipas e ao receberem a bola entram em jogo e trocam com o jogador que lhes realizou o passe. Neste caso, para além da receção orientada, e do favorecimento dos fundamentos ofensivos associados, estamos também a privilegiar a desmarcação dos companheiros para transformação de uma situação de 3x3 numa situação de 2x1 ou 3x2 de forma momentânea pelo desequilíbrio gerado. Deste modo, os objetivos associados ao desenvolvimento da receção orientada da realização rápida do passe para aproveitamento de espaço mantêm-se aumentado apenas a complexidade do exercício.

Para além do referido, neste exercício serão realçados de forma clara os princípios de mobilidade e espaço para criação de superioridade numérica.



Figura 4 - Exercício Nível Intermédio

Nível de Desempenho Especialização

Espaço: 40mx20m

Estrutura: GR+4x4+GR

Situação de jogo formal em campo inteiro, com identificação de linhas defensivas. Ao sinal do treinador a equipa adversária pode alterar as linhas defensivas, sendo que apenas podem estar no máximo 3 jogadores de cada equipa em cada zona do campo. A equipa defensora deve procurar criar pelo menos igualdade numérica em cada zona do campo. A equipa que defende o Guarda-Redes apenas pode jogar com os pés e não pode devolver a bola na mesma zona do campo. Desta forma são mobilizados todos os conteúdos e princípios ofensivos definidos para o modelo de especialização, obrigando a equipa que está no ataque a sair continuamente de pressão e como tal a jogar com elevada pressão espacial e temporal enquanto que a equipa defensora deve perceber o seu limite de risco de modo a manter o equilíbrio defensivo mas pressionando. A obrigação do Guarda-Redes ter que jogar a bola noutra zona do campo obriga a equipa no ataque a manter profunda mesmo que pressionada e a procurar uma constante busca da profundidade no jogo. Para isso, a ação tática individual e os fundamentos, com e sem bola, ofensivos são preponderantes, como descrito ao longo deste trabalho.



Figura 5 - Exercício Nível Especialização

5. Conclusões

Caracterizadas as exigências do jogo de futsal em termos de ação tática individual e descritos os fundamentos táticos ofensivos, o objetivo passou por perceber quais as prioridades em termos de ensino do jogo de futsal, que conteúdos a trabalhar em função dos níveis de desempenho descritos, por forma a ser possível promover e criar, em contexto de treino, situações que desafiem os jogadores desde os estágios mais básicos de aprendizagem a adquirir e desenvolver recursos que permitam fomentar esses mesmos fundamentos.

A complexidade do treino, ajustada ao nível de desempenho da equipa, permitirá trabalhar os conteúdos e fundamentos inerentes de modo progressivo e equilibrado do ponto de vista evolutivo.

Assim, a funcionalidade dos fundamentos que suportam a ação tática não pode ser descurada. Para além de elencar e perceber quais os fundamentos em causa, importa entender em que contextos ocorrem em alto rendimento. Para o efeito, foram analisados dois jogos entre as seleções de Portugal e Espanha para percebê-lo e em que medida são mobilizados no jogo. Os resultados permitiram aferir implicações diretas em termos da construção dos exercícios de treino.

A relação estabelecida entre os fundamentos e os conteúdos propostos no modelo de formação do jogador de futsal preconizado por Guilherme e Braz (2013) permitiram associar os fundamentos táticos ofensivos ao domínio dos conteúdos propostos nos diferentes níveis de desempenho. Os jogadores devem estar munidos de determinadas capacidades por forma a responderem aos diversos fundamentos e, para tal, há que manipular as tarefas do treino e suas variáveis – com a finalidade de potenciar determinados comportamentos e otimizar a performance individual coletiva.

Como limitações deste estudo realçamos a análise de apenas dois jogos e apenas de equipas de elite, ficando a faltar mais jogos e em contextos competitivos distintos de modo a uma melhor generalização dos resultados. No entanto, os resultados obtidos podem ser considerados como referências para alcançar a prestação de jogadores de elite. Do mesmo modo, realçando as implicações positivas deste tipo de análise, consideramos que no futuro deverão ser consideradas mais ações do jogo, nomeadamente as que levaram ao desenvolvimento de passe, drible ou remate e os contextos a eles associados.

6. Bibliografia

- Araújo, D. (2005). *O Contexto da Decisão. A Acção Táctica no Desporto*. Lisboa: Visão e Contextos
- Araújo, D., Davids, K. & Hristovski, R. (2006). The ecological dynamics of decision making in sport. *Psychology of sport and exercise*, 7(6), 653-676.
- Assunção, J. (2017). *Aprendizagem no Futsal - Efeitos da Manipulação do espaço na aprendizagem do jogo*. (Tese de mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.6/6736>
- Braz, J., Mendes, J., & Palas, P. (2015). *Etapas de Formação do Jogador de Futsal*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- Garganta, J. (1997) *Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da UP
- Garganta, J. & Pinto, J. (1994). O ensino do futebol. In A. Graça and J. Oliveira (Eds), *O Ensino dos jogos Desportivos Coletivos* (pp. 97-137). Porto: CEJD/FCDEF-UP
- Guilherme, J. (2004), *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica no processo ensino-aprendizagem/treino do jogo*. (Tese de mestrado). Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/99974>
- Guilherme, J., & Braz, J. (2013). Proposta didático-metodológica para o ensino do jogo de futsal. In F. Tavares / (Ed.), *Jogos desportivos colectivos Ensinar a jogar*, (pp. 265-301). Porto: Editora FADEUP
- López Hierro, J.V. (2017). *UEFA Futsal Coaching Manual*. Nyon: UEFA
- Machado, J.C., Barreira, D., Teoldo, I, Travassos, B., Júnior, J.B., Dos Santos, J.O.L. & Scaglia, A.J. (2019) How Does the Adjustment of Training Task Difficulty Level Influence Tactical Behavior in Soccer?. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 90 (3): 403-416. DOI: [10.1080/02701367.2019.1612511](https://doi.org/10.1080/02701367.2019.1612511)
- Ometto, L., Vasconcellos, F. V., Cunha, F. A., Teoldo, I., Souza, C. R. B., Dutra, M. B., & Davids, K. (2018). How manipulating task constraints in small-sided and conditioned games shapes emergence of individual and collective tactical behaviours in football: A systematic review. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(6), 1200-1214. DOI: [10.1177/1747954118769183](https://doi.org/10.1177/1747954118769183)
- Oppici, L., Panchuk, D., Serpiello, F.R., & Damian Farrow, D. (2017). Long-term practice with domain-specific task constraints influences perceptual skills. *Frontiers in Psychology*, 8:1387. DOI: [10.3389/fpsyg.2017.01387](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01387)
- Santos, F. M. D. C., & Ré, A. H. N. (2013). Características do futsal e o processo de formação de jogadores. *RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol*, 6(19). Disponível em <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/243>

Travassos, B., Duarte, R., Vilar, L. & Davids, K. & Araujo, D. (2012). Practice task design in team sports: Representativeness enhanced by increasing opportunities for action. *Journal of sports sciences*. 30 (13): 1447-1454.
DOI:10.1080/02640414.2012.712716.

Travassos, B. (2020) *Manipulação de Exercícios de Treino no Futsal – Da Conceptualização à Prática* (1ª ed). S. Pedro do Estoril: Prime Books

Travassos, B. & Araújo, D. (2007). Exercício de treino - Mais do que uma repetição... uma oportunidade para inovar. Comunicação apresentada no Colóquio FUTSAL-Da Massificação à qualificação do Futsal em Portugal, Oeiras.

Xavier, M. (2020) *Futsal – Métodos de Treino* (1ª ed). S. Pedro do Estoril: Prime Books